

Leis das manifestações

30 — 8 — 1947

“(...) Muito justo quanto me dizes sobre as corrigendas. Compreendo não só o trabalho que consagras ao serviço do plano espiritual, mas também o amor com que te devotas à obra. Estou de pleno acordo com todas as retificações, fruto de tua paciência e devotamento à Causa. Talvez não me tenha exprimido bem na carta última. Penso que não devemos apresentar é a declaração “edição revista pelo autor”, porque isto nos levaria a gravar distico idêntico, no início dos outros livros recebidos aqui, dificultando a tarefa dos que vierem, na Federação, mais tarde. Creio que o campo deve ficar livre à colaboração da FEB, em qualquer tempo, independendo do médium. Ao mesmo tempo não daremos aos adversários de agora a impressão de receio da ação deles, o que viria a acontecer se gravássemos a aludida declaração nos próximos dois anos. A tua lembrança de a suprimirmos me alegra muito e resolve o caso. Restitui-te o livro ontem com todas as corrigendas que fizeste e podes crer que esses reajustamentos e todos os outros que puderes fazer, no “Brasil, Coração do Mundo” e em todos os outros livros, representam motivo de imenso prazer e de indefinível

conforto para mim. Deus te recompense. Peço-te perdão por haver tomado tanto o teu tempo com longas considerações em torno do assunto, mas precisei esclarecer o que eu pensava e não sei ainda sintetizar. (...)"

Sorte a nossa, que Chico Xavier não tivesse sintetizado o assunto da missiva anterior (de 24-8-1947), pois assim temos a oportunidade de nos inteirarmos de todo esse delicado e complexo processo que envolve a transmissão e recepção das mensagens mediúnicas.

Na carta do dia 30 o mesmo assunto prossegue. Entre uma e outra medeiam apenas seis dias.

Chico se diz de acordo com as retificações feitas por Wantuil. Ambos chegam a acordo final, isto é, que não se deva apresentar a declaração “edição revista pelo autor”. Chico enfatiza que a FEB deve ter o campo livre para dar a sua colaboração. É de se notar que Chico, ao dizer isso, complementa: *independendo do médium*.

Muitos autores, não mediúnicos, negam-se a admitir qualquer opinião a respeito do que escrevem. Embora a cooperação nesse sentido seja bastante salutar, porque ajuda e melhora a obra, não aceitam e não gostam de sugestões ou críticas, enquanto escrevem. Todavia, há diferença bem grande entre um escritor encarnado produzir determinado livro e a tarefa da psicografia. No momento em que escreve, por si mesmo, ele pode pesquisar, consultar outros autores, ter um fichário e dicionários à sua disposição. O mesmo não acontece, é óbvio, com o médium psicógrafo.

Para se entender melhor a complexidade da transmissão de uma mensagem, basta lembrar como é difícil e complicado, às vezes, transmitir-se um recado entre os próprios encarnados. Não um simples recado de meia dúzia de palavras, mas algo mais sério e que exija de quem vai levá-lo a compreensão do que está ouvindo. Mesmo

sendo bem entendido, o recado será transmitido com palavras diferentes e dentro da capacidade de quem o dá.

Quanto à comunicação mediúnica, o mecanismo é muitíssimas vezes mais complicado. Entre a transmissão e a recepção da mensagem existem várias etapas a serem cumpridas, que vão desde a preparação do médium e do Espírito comunicante, a afinização e a sintonia entre ambos, a filtragem por parte do encarnado, até a harmonização dos que estiverem presentes, bem como a ambiência espiritual.

Escrevendo sobre a "lei das manifestações espíritas", Léon Denis esclarece:

"Nas comunicações espíritas a dificuldade, portanto, consiste em harmonizar vibrações e pensamentos diferentes. É na combinação das forças psíquicas e dos pensamentos entre os médiums e os experimentadores, *de um lado, e entre estes e os Espíritos*, do outro, que reside inteiramente a lei das manifestações.

São favoráveis as condições de experimentação quando o médium e os assistentes constituem um grupo harmônico, isto é, quando pensam e vibram em uníssono. No caso contrário, os pensamentos emitidos e as forças exteriorizadas se embraçam e se anulam reciprocamente. O médium, em meio dessas correntes contrárias, experimenta uma opressão, um mal-estar indefinível; sente-se mesmo, às vezes, como que paralisado, sucumbido. Será necessário uma poderosa intervenção oculta para produzir o mínimo fenômeno."

Explica ainda Léon Denis, que para haver a comunicação é preciso a graduação entre o pensamento do comunicante com o do médium. Quanto mais evoluído for o Espírito, mais velocidade terão as suas irradiações mentais, a sua freqüência vibratória.

"Será, pois, o seu (do Espírito) primeiro cuidado imprimir às suas vibrações um movimento mais lento.

Para isso um estudo mais ou menos prolongado se tornará preciso, variando as probabilidades de êxito conforme as aptidões e experiências do operador. Se falha a tentativa, toda comunicação direta se torna impossível, e ele terá que confiar a um Espírito mais poderoso ou mais hábil a transmissão de seus ditados. É o que freqüentemente acontece nas manifestações. Supõndes receber o pensamento direto de vosso amigo, e, entretanto, ele não vos chega senão graças ao auxílio de um intermediário espiritual. Daí certas inexatidões ou obscuridades, atribuíveis ao transmissor, que vos deixam perplexos, ao passo que a comunicação, em seu conjunto, apresenta todos os caracteres de autenticidade." ("No Invisível", cap. VIII, 1^a parte, 6^a ed. FEB.)

Dentro de toda essa complexidade, que apenas abordamos superficialmente, torna-se perfeitamente compreensível que Chico Xavier admita e até deseje a colaboração da FEB, representada, mais diretamente, por Wantuil de Freitas.

Não percamos de vista que aqui se trata de um médium do quilate de Chico Xavier, um dos maiores médiums psicógrafos de que se tem notícia...

Ressaltamos, também, que as retificações ou corrigendas a que Chico alude são relacionadas com a *forma de apresentação*, não envolvendo, porém, o conteúdo das mensagens, a essência do pensamento dos autores espirituais. Tal conteúdo e tal essência são sempre preservados, e não poderia ser de outra maneira.